

A POLÍTICA  
SEXUAL  
DA CARNE

Amostra

# A POLÍTICA SEXUAL DA CARNE

UMA TEORIA CRÍTICA FEMINISTA-VEGANA

EDIÇÃO DE 35º ANIVERSÁRIO

CAROL J. ADAMS

EDITORIA  
**ALAÚDE**

## A política sexual da carne

Copyright © 2026 Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 1990 Carol J. Adams

New material © 2000, 2010, 2015, 2025 by Carol J. Adams

ISBN: 978-85-7881-818-0

Translated from the original *The Sexual Politics of Meat* ©1990, 2000, 2010, 2015, 2025 Carol J. Adams ISBN 979-8-7651-2366-9.

All rights reserved. This translation of *The Sexual Politics of Meat - 35th Anniversary Edition: A Feminist-Vegan Critical Theory* is published by Alaúde, a company of Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA) by arrangement with Bloomsbury Publishing Inc. Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 3ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A214p

Adams, Carol J.,  
A política sexual da carne: Uma teoria feminista-vegana  
- Edição de 35º aniversário.  
Carol J. Adams - 3ª. ed. - Rio de Janeiro : Alaúde, 2026.  
408 p.; il.; 15,7 x 23 cm.

Título original: *The sexual politics of meat: A  
feminist-vegan critical theory - 35th Anniversary Edition*  
ISBN 978-85-7881-818-0

1. Animais - Proteção. 2. Direito dos animais.  
3. Patriarcado. 4. Teoria feminista. 5. Vegetarianismo/  
veganismo I. Título.

CDD 179.3

### Índice para catálogo sistemático:

1. Animais - Proteção - Vegetarianismo/veganismo 179.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Coordenadora Editorial:** Mariana Portugal

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutus

**Produtor da Obra:** Tentáculos Editorial

**Tradução:** Cristina Cupertino e Wendy Valente

**Copidesque:** Carol Colfield



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Em memória de  
mais de 80 bilhões de criaturas terrestres a cada ano,  
219 milhões a cada dia, 9,13 milhões a cada hora,  
80.207 a cada minuto,

e

3 trilhões de criaturas aquáticas a cada ano,  
8,2 bilhões a cada dia,  
342,5 milhões a cada hora,  
5,7 milhões a cada minuto.

Amostra

Amostra

“Não é possível agora — e nunca será — dizer ‘eu renuncio’. Nem seria algo bom para a literatura, se fosse possível. Esta geração precisa fazer um grande esforço para que a próxima possa ter um suave avanço. Pois eu concordo com você em que nada será alcançado por nós. Fragmentos — parágrafos —, uma página talvez: mas nada mais. [...] A alma humana, parece-me, se reorienta de vez em quando. Agora ela está fazendo isso. Portanto, ninguém consegue enxergar integralmente. O melhor de nós tem um vislumbre de um nariz, um ombro, algo que se desvia, sempre em movimento. Ainda assim, parece-me melhor entender esse vislumbre.”

— Virginia Woolf a Gerald Brenan, Natal de 1922

“Aprendemos a usar a raiva, como aprendemos a usar a carne morta de animais; e assim, machucados, espancados, transformando-nos, sobrevivemos e crescemos — nas palavras de Angela Wilson, estamos efetivamente avançando.”

— Audre Lorde, “The Uses Of Anger: Women Responding To Racism”

“Diga, Stella, quando copiar da próxima vez, Você se aterá rigorosamente ao texto?”

— Jonathan Swift, “To Stella, Who Collected And Transcribed His Poems”

Amostra

## Sumário

|                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustrações                                                   | XI  |
| Introdução à Edição de 35º Aniversário de                     | 1   |
| Prefácio à Primeira Edição (1990)                             | 51  |
| Agradecimentos                                                | 59  |
| Agradecimentos da Edição de 35º Aniversário                   | 63  |
| Sobre os Artistas                                             | 67  |
| Parte I                                                       | 69  |
| 1. A Política Sexual da Carne                                 | 71  |
| 2. Estupro de Animais, Abate de Mulheres                      | 91  |
| 3. Violência Mascarada, Vozes silenciadas                     | 123 |
| 4. A Palavra Se Fez Carne                                     | 149 |
| Parte II                                                      | 167 |
| 5. Textos Desmembrados, Animais Desmembrados                  | 169 |
| 6. O Monstro Vegetariano de Frankenstein                      | 183 |
| 7. O Feminismo, a Grande Guerra e o Vegetarianismo<br>Moderno | 199 |

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| Parte III                                      | 229 |
| 8. A Distorção do Corpo Vegetariano            | 231 |
| 9. Por uma Teoria Crítica Feminista-Vegana     | 259 |
| Ame isto                                       | 287 |
| Epílogo                                        | 289 |
| Notas                                          | 297 |
| Bibliografia Seleccionada                      | 353 |
| Bibliografia da Edição de 35º Aniversário      | 375 |
| Agradecimentos por Cessão de Direitos Autorais | 385 |
| Índice                                         | 389 |

## Ilustrações

- i Carol e Jimmy, o pônei. p. 2
- ii Pôster anunciando “*The Oedible Complex*”, 1976, Carol Weiner, p. 8
- iii Papel timbrado da *Society of Feminist Vegetarians*, p. 10
- iv Vacas fragmentadas, Pretória, África do Sul, 2023, p. 12
- v Foto da autora, 1990/atualizada em 2020, p. 15
- vi Capa da versão brasileira de *A Política Sexual da Carne*, 2018, p. 17
- vii Tuíte “What the fuck?”, p. 18
- viii Exposição de arte *The Sexual Politics of Meat*, 2017, p. 20
- ix Jordan Peterson com vaca morta. Oxford, Inglaterra, 2021, p. 26
- x *El patriarcado que alimenta II*. Obra de Mercedes Tuda, p. 28

- xi “So Good Even Guys Like Our Salads”, outdoor, p. 29
- xii “Eat Like a Man”, capa de revista, p. 32
- xiii *Plato*. Obra de Mercedes Tuda, p. 34
- xiv “Razoos”. p. 36
- xv “Fat Selfish Bitch”, foto, p. 37
- xvi Cartão-postal de protesto contra a decisão da Suprema Corte no caso *Dobbs v. Jackson I*, junho de 2022, p. 39
- xvii Verso do cartão-postal de protesto contra a decisão da Suprema Corte no caso *Dobbs v. Jackson II*, junho de 2022, p. 41
- xviii Instalação *Feminized Protein*. Obra de Suzy González, p. 41
- xix *El patriarcado que alimenta I*. Obra de Mercedes Tuda, p. 42
- xx *La política racial de la carne*. Obra de Mercedes Tuda, p. 44
- xxi *Got Colonization?*, outdoor do Food Empowerment Project, p. 45
- xxii O monstro vegano de Frankenstein, na janela da minha cozinha, 2022. p. 49
- 1 Ursula Hamdress, p. 93
- 2 Sra. Porca, horrorizada com a escolha de palavras do filho, p. 132
- 3 Ele como um Grande Poder; Ela como um Pequeno Poder, p. 134
- 4 Joseph Ritson, como visto por seus contemporâneos, p. 174

# Introdução à Edição de 35º Aniversário de

## A Política Sexual da Carne

Muitas pessoas escrevem para dizer que *A Política Sexual da Carne* mudou suas vidas. Posso entender — mudou a minha também. No começo de outubro de 1974, percebi que existia uma conexão entre o feminismo e o vegetarianismo, e entre o consumo de carne e um mundo patriarcal. A partir desse momento, fui conduzida a novas formas de pensar sobre essas questões aparentemente distintas. Minha pesquisa me levou a pilhas de livros e coleções de manuscritos em bibliotecas, preenchendo à mão aquelas fichas de pesquisa 3 x 5. Quando compreendi que precisava abordar a situação das fêmeas animais usadas para a produção de leite e ovos, também soube que precisava me tornar vegana. Depois que o livro foi publicado, meus leitores começaram a me enviar exemplos da política sexual da carne, o que deu origem a outros livros e, enquanto eu viajava pelo mundo palestrando sobre o tema, reuni uma coleção incrível de receitas veganas. Não por acaso, acabei com uma notável coleção de “monstros de Frankenstein”, e frequentemente penso nos rumos surpreendentes que o livro trouxe à minha vida.

Conheci artistas, ativistas e acadêmicos; tradutores deste livro para o público que não fala nem lê em inglês; proprietários de restaurantes e negócios veganos; e desenvolvi novas amizades, algumas delas já com décadas de duração. Entre os muitos presentes que recebi por ser a autora deste livro, talvez o mais marcante seja o sentimento de abundância. Essa abundância nasce da minha consciência de

fazer parte de uma comunidade progressista mundial vibrante, comprometida em desafiar a opressão — e do meu conhecimento de que nossas refeições deliciosas refletem esse compromisso.<sup>1</sup>

A pergunta que mais me fazem é como cheguei a escrever *A Política Sexual da Carne*. A celebração do 35º aniversário da publicação deste livro oferece uma oportunidade para relembrar sua história e refletir sobre sua relevância contínua.

## Escrevendo *A Política Sexual da Carne*

Quando fui para a faculdade, já havia convivido com gatos, cachorros, pôneis e cavalos durante a maior parte da minha vida. Eu me opunha a alimentar com carne de cavalo enlatada os cães de rua que haviam se tornado parte da nossa família (Brownie e Cyrano). Mas meu protesto infantil contra comer animais não foi além disso.



**Figura i:** Carol com Jimmy, o pônei, e Shadow, o cachorro de um vizinho. Outubro de 1962. Do acervo da autora.

No segundo ano da faculdade, participei da minha primeira reunião do Movimento de Libertação das Mulheres e comecei a ler textos feministas fundamentais, incluindo *A Vindication of the Rights of*

*Woman*, de Mary Wollstonecraft, e *Sexual Politics*, de Kate Millett. Em 2017, por ocasião da morte de Kate Millett, escrevi um artigo de opinião para o *New York Times* evocando “a experiência vertiginosa” de ler teoria feminista à medida que surgia, e como “como em uma das ‘Salas do Infinito’ de Yayoi Kusama, minha consciência — e a das mulheres que eu conhecia — ganhou novas dimensões.”<sup>2</sup>

Depois de me formar na faculdade, ingressei na Escola de Teologia de Yale. Lá, fui apresentada ao texto fundamental de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, e à sua ideia de conscientização — uma forma de educação por meio do engajamento conjunto em questões vividas por um grupo oprimido. A partir disso, desenvolve-se uma consciência crítica. Os grupos de conscientização de mulheres do início dos anos 1970 funcionavam assim: as mulheres reconheciam preocupações comuns e os contextos políticos e sociais que as influenciavam — o modo como “o pessoal é político”.

Estudantes de teologia costumam realizar trabalhos de campo, e um professor solidário ajudou quatro feministas autodeclaradas a conseguirem colocações trabalhando com mulheres. Um desses locais era uma clínica de aborto no Hospital Yale–New Haven — foi lá que eu estava, em janeiro de 1973, quando soube da decisão da Suprema Corte no caso *Roe v. Wade*, que legalizou o aborto. Também fiz trabalho de campo no Centro de Libertação das Mulheres de New Haven e frequentemente atuava como mediadora de processos nas reuniões, responsável não pela pauta, mas por garantir justiça na participação.

Ao final do meu primeiro ano na Escola de Teologia de Yale, voltei para minha cidade natal, uma pequena localidade no oeste do estado de Nova York. Enquanto desfazia minhas malas, ouvi batidas estrondosas à porta. Ao abri-la, um vizinho agitado gritou: “Alguém acabou de atirar no seu cavalo!” Ele apontou para trás do celeiro, e nós dois começamos a correr. Aquelas passadas descalças, em meio aos espinhos e ao esterco de um velho pomar de macieiras, me colocaram frente a frente com a morte: encontrei Jimmy, nosso pônei, caído no chão, com sangue escorrendo da boca. Nicky, nosso outro pônei, andava de um lado para o outro, relinchando e bufando. Ouvíamos tiros vindos da floresta próxima.

Naquela noite, durante o jantar, ainda tomada pelo luto por Jimmy, percebi a incongruência de comer animais. Dei uma mordida em um hambúrguer e parei no meio. Aquele momento — a interrupção de uma ação que eu considerava natural — permanece vívido em minha memória. Eu estava pensando em um animal morto enquanto comia outro animal morto. Qual era a diferença entre aquela vaca morta e o pônei morto que eu enterraria no dia seguinte? O pessoal se tornou político, e eu soube que precisava me tornar vegetariana.<sup>3</sup>

Como muitos aspirantes a vegetarianos e veganos descobrem, saber que é preciso parar de comer animais e *agir de acordo com esse conhecimento* são coisas diferentes. Durante o ano letivo de 1973–1974, vivi em uma casa comunitária na Filadélfia, e questões relacionadas a comida e dinheiro, somadas ao fato de eu não saber cozinhar, me mantiveram uma consumidora de carne passiva e em conflito. Mas fiz uma promessa: quando me mudasse novamente, escolheria viver em uma casa vegetariana. Essa oportunidade surgiu no ano seguinte, quando planejei mudar-me para a região de Boston. No quadro de avisos de moradia do Centro de Mulheres de Cambridge, procurei companheiras de quarto vegetarianas e notei quantas casas feministas buscavam moradoras que fossem vegetarianas. Foi assim que encontrei minhas colegas de apartamento feministas-vegetarianas.

Imagino que o que devia ser viver em Paris na década de 1920 se assemelha à experiência de fazer parte da comunidade feminista de Boston–Cambridge no início dos anos 1970. Essa foi a comunidade feminista que deu origem a *Our Bodies, Ourselves* em 1971, com sua abordagem radical das experiências das mulheres e seus guias “faça você mesma”. Betsy Warrior e Lisa Leghorn escreveram *The Houseworker's Handbook*, e logo foi criado o primeiro abrigo para mulheres vítimas de violência na costa leste. O Combahee River Collective, uma organização feminista negra radical, surgiu ali em 1974. Uma das primeiras livrarias feministas, a New Words, que oferecia um espaço para encontrar publicações locais, nacionais e internacionais, ficava na mesma rua do meu apartamento.

Era setembro de 1974 e, ao me mudar para o apartamento com minhas duas companheiras feministas-vegetarianas, tornei-me vegetariana. Com disciplinas sobre ética feminista no Boston College,

mulheres e religião americana no Seminário Andover–Newton, uma aula sobre teoria da história das mulheres na Escola de Teologia de Harvard e a livraria New Words logo ali na esquina, minha vida estava repleta de ideias feministas. A historiadora Carroll Smith–Rosenberg morava nas proximidades, em licença da Universidade da Pensilvânia, trabalhando no que se tornaria seu influente ensaio publicado na primeira edição da revista *Signs*, “The Female World of Love and Ritual”. Eu já a conhecia do ano anterior, quando havia morado perto dela na Filadélfia. Adrienne Rich estava na cidade, escrevendo o que seria publicado como *Of Woman Born*. Ela compartilhou o manuscrito com Mary Daly, com quem eu estudava. Participei de um grupo feminista de canto, o Arlington Street Women’s Caucus, e passava meu tempo livre na Biblioteca Schlesinger, folheando fichários de argolas com os manuscritos de sua coleção sobre a história das mulheres. À noite, lia a obra em três volumes de *Notable American Women*, um presente de aniversário dos meus pais.

Ainda me lembro da sensação que me invadiu ao caminhar até Harvard Square em um lindo dia de outono, há cinquenta anos, quando percebi que existia uma conexão entre feminismo e vegetarianismo, entre consumo de carne e cultura patriarcal. Naquele dia, parei primeiro na Erewhon, a mercearia de produtos naturais que vendia tofu em cubas e uma deliciosa manteiga de girassol, e depois continuei meu caminho em direção a Harvard Square. Eu pensava na heroína de *Small Changes*, de Marge Piercy. A personagem fictícia de Piercy também havia se mudado para a região de Boston. Ela parecia tão real que eu imaginava poder encontrá-la na rua. Refleti sobre o dilema em que ela se via presa — um marido controlador que tentava forçá-la a engravidar. Sua fuga, ligada à morte de um animal, levou-a à abstinência do consumo de animais de sangue quente. Minha mente começou a pensar o vegetarianismo dentro de um contexto feminista: inúmeras feministas do século XIX que eram vegetarianas; outros romances como *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, que eu acabara de ler na Schlesinger em sua versão original publicada em *The Forerunner*, revista que Gilman editava e escrevia. Como três cerejas que se alinham em uma máquina caça-níquel, essas associações se encaixaram de repente. Naquele momento, senti como se meu corpo tivesse se elevado.

A comunidade feminista me acolheu enquanto eu compartilhava, empolgada, minhas ideias sobre essa conexão. As mulheres que dirigiam a New Words sugeriram outros livros que continham referências relevantes, incluindo *The Edible Woman*. Na Biblioteca Schlesinger, encontrei os manuscritos de Agnes Ryan, uma feminista-vegetariana do início do século XX. As referências se desdobravam em conexões; as conexões se curvavam rumo a uma teoria. As mulheres da turma de metahistória de Harvard ouviram minha apresentação e ofereceram outras associações. O restaurante feminista Bread and Roses abriu, e eu literalmente “ganhava o pão” fornecendo-lhes citações feministas. Semanalmente, eu levava uma lista de figuras históricas e frases até o restaurante — que as utilizava em seus cardápios — e voltava para casa com um de seus pães.

Enviei meu trabalho, “The Edible Complex” [O complexo comestível], a Mary Daly, na disciplina de Ética Feminista que eu cursava. Seu subtítulo brincalhão era “One Man’s Meat is Every Woman’s Poison” [A carne de um homem é o veneno de toda mulher]. Laurel e Gina, as mulheres vegetarianas da revista *Amazon Quarterly* — uma das primeiras publicações lésbico-feministas — que moravam em Cambridge naquele ano, souberam do meu artigo e o aceitaram para publicação. Ele apareceu em 1975 na antologia *The Lesbian Reader*. Em poucas semanas, recebi minha primeira carta de “fã”, de Chellis Glendinning, que mais tarde se tornaria ecopsicóloga e autora de livros como *Waking Up in the Nuclear Age*.

Em 1976, muitas feministas reagiam com energia (tanto positiva quanto negativa) às minhas ideias. Um episódio daquela época ilustra bem essa recepção mista. Um grupo de feministas que vivia na região de Boston chamado The Pomegranate Grove, começou a organizar uma conferência de espiritualidade feminista. Elas haviam lido meu ensaio sobre feminismo e vegetarianismo em *The Lesbian Reader* e queriam tornar o vegetarianismo central no evento, incluindo agendar uma palestra principal comigo e produzir camisetas com o subtítulo do meu artigo. À medida que o evento tomava forma, a palestra principal se transformou em uma oficina, as camisetas nunca foram feitas, mas a conferência foi vegetariana, e essa decisão gerou reclamações, incluindo ao menos uma carta enviada ao jornal feminista *Off Our Backs*, em que a autora se queixava de ter sido

obrigada a supervisionar uma lanchonete de hambúrgueres local. Ao final da conferência, conheci Selma Miriam, do então futuro restaurante *Bloodroot*, e mantivemos contato desde então.

Por volta dessa época, uma pequena editora de Cape Cod se ofereceu para publicar minhas ideias em formato de livro e, em preparação, entrevistei mais de sessenta feministas-vegetarianas da região de Boston. Também tentei me tornar vegana e, como parte do processo de entrevistas, coletei receitas veganas favoritas. Um capítulo de receitas muito empolgante encerraria o livro com preparações veganas. Havia uma abundância de sopas: missô, abóbora, lentilha, cevada com cogumelos, repolho com feijão e a sopa básica de feijão (esta, minha mãe chamava de “Lambança da Carol”). O restaurante Bread and Roses contribuiu com uma receita de *gaspacho*. Os pratos principais incluíam espaguete com pesto, caçarola de berinjela e curry de legumes. O capítulo trazia ainda receitas de alcachofras, batatas-doces, pimentões, cogumelos e folhas de uva, todos recheados. Brincávamos dizendo que o livro seria impresso em papel-arroz para que eu pudesse dizer: “comam este livro.”

À medida que o projeto avançava rumo à publicação, um pôster foi criado, e o anúncio de seu lançamento iminente foi incluído na edição seguinte de *Our Bodies, Ourselves*. Mas algo me incomodava. O texto discutia paralelos, correspondências e analogias — e isso me parecia insuficiente. Como exatamente eu explicava essas conexões? Qual era minha teoria? Não haveria algo mais perigoso entre as experiências das mulheres e as de outros animais do que simples analogias? Senti que teria apenas uma chance de afirmar essa ligação entre feminismo e vegetarianismo, e aquele manuscrito não era essa chance. Retirei o manuscrito da editora.



## FEMINISM & VEGETARIANISM

WHAT FRANCES WILLARD, ANNIE BESANT, MARGARET FULLER, LOUISA MAY ALCOTT, MARY SHELLEY, THE CRIMBE SISTERS, KAREN LINDSEY, AND THE MATRIARCHY HAVE IN COMMON...

**A FASCINATING BOOK BY CAROL ADAMS**  
DESIGNED BY AUGUSTINE  
WITH COPIOUS ILLUSTRATIONS.

AVAILABLE AUTUMN 1976  
IN THE LIONEL BERRY PRESS  
BOOKS - 1111 FIFTH AVENUE, NEW YORK

Figura ii - Pôster do livro proposto em 1976, *The Oedible Complex*. Usado com permissão da artista Augustine, também conhecida como Carol Weiner.

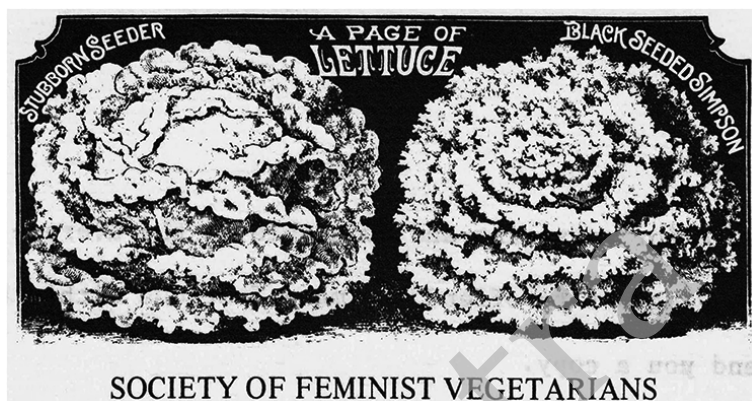
Amigos se preocuparam comigo. “Mas alguém pode se adiantar e publicar antes de você se desistir disso.”

“Vou ter que correr esse risco”, respondi. “Ainda não está pronto.”

Eu não tinha ideia do que fazer em seguida, mas sabia que logo precisaria começar a pagar o empréstimo que havia recebido de Yale para concluir meu mestrado em Teologia (Master of Divinity). Decidi então viajar de ônibus Greyhound pelos Estados Unidos durante alguns meses e, enquanto estava em São Francisco, encontrei-me com Chellis Glendinning. Juntas, organizamos o que chamamos de a primeira reunião da “Sociedade de Feministas-Vegetarianas”, no Shandygaff, um restaurante vegetariano em São Francisco. Aquele adorável restaurante, como relata Jonathan Kauffman em *Hippie Food*, “trouxe à culinária vegetariana o exuberante frescor das fazendas produtoras da Califórnia, bem como a sensibilidade culinária sofisticada de São Francisco.”<sup>4</sup> Quando contamos à mesa há quanto tempo cada uma era vegetariana, uma mulher respondeu: “Desde esta manhã.”

Depois das viagens, voltei para o oeste de Nova York e comecei a trabalhar em uma pequena entidade de assistência a trabalhadores migrantes, cuja única outra funcionária era minha mãe. Seguiu-se uma década de ativismo de base, que incluiu a criação de uma Linha Direta para Mulheres Vítimas de Violência, junto com meu marido, Bruce, que funcionava à noite em nossa própria casa. Envolvi-me profundamente em uma batalha por moradia justa — uma luta árdua, cruel, exaustiva e dolorosa. Criamos uma cozinha comunitária e uma loja de roupas usadas. Escrevi propostas de financiamento para comprar e reformar um prédio antigo, transformando-o em centro de atendimento e apartamentos. O governador Mario Cuomo me nomeou para sua Comissão de Violência Doméstica, onde presidi o comitê de habitação, tentando criar conexões inovadoras entre defensores do direito à moradia e ativistas pelos direitos das mulheres agredidas. Meus dias eram tomados por respostas a necessidades imediatas, mobilização de recursos, agitação, educação e esforços para desafiar as atitudes racistas de nossa comunidade, que impediam a construção das moradias necessárias. No meu tempo livre, continuei lendo e pesquisando, mantendo ideias em tensão umas com as outras. Tudo o que eu lia — de romances policiais a *herstories*, de livros

práticos sobre como acabar com a violência doméstica a crítica literária feminista, de obras sobre o movimento dos Direitos Civis e a história da supremacia branca a revistas vegetarianas do século XIX — alimentava minhas reflexões.



**Figura iii** – Papel timbrado da “Sociedade de Feministas-Vegetarianas”, criado por Chellis Glendinning e Carol Adams, 1977. Do acervo da autora.

Durante todos os anos do governo Reagan, continuei pesquisando e escrevendo, entremeando esse trabalho com meu ativismo. Houve muitos falsos começos e inúmeros rascunhos. À noite, eu sonhava com meus antigos professores de literatura inglesa debatendo, com olhar crítico, minha falta de progresso. Embora fosse meu ativismo que atrapalhasse o avanço da escrita, foi justamente esse ativismo — pela moradia e contra o racismo, pelo apoio a sobreviventes de violência sexual e doméstica e contra a violência íntima — que começou a moldar as novas versões do texto. Percebi que esse era um dos avanços mais importantes do meu manuscrito ao longo dos dez anos desde que retirei a primeira tentativa: minha atenção ao racismo e o consequente compromisso com o trabalho antirracista. Decidi que não confiaria apenas em teóricos ou escritores brancos; passaria a ler com profundidade as obras de teóricas feministas negras e os textos de não ficção e ficção de mulheres não brancas; e reconheceria as críticas feministas negras ao vegetarianismo, bem

como os vegetarianos negros. Quando encontrei evidências de como países ocidentais colonizadores, como a Grã-Bretanha, feminilizavam as nações que conquistavam e atribuíam seu sucesso ao consumo de carne bovina, percebi que existia uma política racial da carne.<sup>5</sup>

Em meados da década de 1980, achei que a versão mais recente poderia ser a definitiva. Encontrei uma agente literária que começou a enviar o manuscrito a editoras de Nova York. Seguiram-se muitas recusas. Um editor da Crown achou que meus argumentos eram “um tanto agressivos demais”. Já a Simon & Schuster respondeu que tinha um livro semelhante em produção.

Em 1987, Bruce, nosso filho Douglas — então com três anos — e eu nos mudamos para a região de Dallas, para que ele pudesse seguir seu trabalho social com pessoas em situação de rua e eu pudesse me dedicar a concluir meu manuscrito. Na segunda noite de viagem, de Nova York até o Texas, pernoitamos no Arkansas. Lendo *Bearing the Word*, de Margaret Homans, antes de dormir, deparei-me com o conceito literário de “referente ausente”. Pensei: “Não é isso o que os animais se tornam quando são mortos e comidos?” Deve ter sido uma ideia com a qual continuei a dialogar durante o sono, porque acordei pensando: “E não é isso o que as mulheres também são — referentes ausentes em uma cultura estruturada para negar e frustrar nosso status de sujeito?” E então: “Não é justamente isso o que liga a opressão de mulheres e de animais em uma cultura patriarcal, o fato de serem referentes ausentes sobrepostos e interconectados?”

Chegamos a Dallas e, enquanto eu trabalhava em uma nova versão, ocorreu um segundo avanço: a percepção de que não existia nada que descrevesse o que eu queria expressar, e que, portanto, eu teria de criar algo novo, desenvolver a teoria de que precisava. Pensei na famosa máxima de Virginia Woolf em *Three Guineas*, que havia inspirado o nome da livraria feminista de Cambridge: “Em uma era de transição, quando muitas qualidades estão mudando de valor, novos vocábulos para expressar novos valores são extremamente desejáveis.”<sup>6</sup> Dessa inspiração nasceu a criação do termo “proteína feminizada” (ver p. 68); senti a necessidade de dar um nome preciso à exploração dos processos reprodutivos das fêmeas animais na produção de leite e ovos. Eu queria um termo que, esperava, desestabilizasse a comoditização sexual das fêmeas animais.

Em 1988, soube que a editora de pensamento social Continuum — conhecida pela publicação da tradução inglesa de *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire — oferecia o Women's Studies Award, “para incentivar e reconhecer pesquisas e outras produções de destaque em estudos feministas, consideradas pela Continuum como de vital importância para a literatura, as artes, a psicologia e o pensamento social.” Eu sabia que meu manuscrito ainda não estava pronto para submissão, mas decidi mirar no concurso do ano seguinte. Esperava que, ao inscrevê-lo, mesmo que não vencesse, ele chamasse a atenção de uma editora que eu respeitava.



**Figura iv** - Essa vaca fragmentada, com suas tetas meticulosamente representadas, recepciona os clientes na entrada do shopping Irene Mall, em Pretória, África do Sul, 2023. Fotografia © Justin van Huyssteen. Usada com permissão.

Enviei o manuscrito para a edição de 1989 do prêmio com o título *Against the Texts of Meat: Gender Politics and the Eating of Animals, A Literary-Historical Analysis*. Na carta de apresentação, destaquei o que considerava algumas das contribuições do livro:

- “Definir o que chamei de estrutura do referente ausente para explicar a opressão sobreposta de mulheres e animais. Esse termo oferece uma forma de discutir as nuances de opressões inter-relacionadas, embora não equivalentes.”
- “Identificar novas fontes para o primeiro romance de Mary Wollstonecraft Shelley, *Frankenstein*, e explorar a relação existente entre a estrutura narrativa desse romance e a inclusão do tema do vegetarianismo.”
- “Identificar razões feministas específicas para o vegetarianismo, bem como analisar a relação entre a dominação masculina e o consumo de carne.”
- “Aplicar uma análise feminista da política da linguagem a uma discussão sobre a linguagem utilizada em relação ao consumo de carne.”
- “Demonstrar, por meio da análise de um grupo selecionado de romances do século XX, que o vegetarianismo possui significado dentro da tradição da literatura feminina e que uma estratégia narrativa específica de interrupção frequentemente introduz a questão do vegetarianismo.”
- “Explorar o significado da carne como metáfora da opressão das mulheres.”
- “Descrever as conexões históricas entre feminismo e vegetarianismo.”

Alguns meses depois, recebi um telefonema de Evander Lomke, o editor da Continuum que trabalhava com o comitê consultivo do prêmio. “Parabéns!”, disse ele. “Estou ligando para avisar que seu livro venceu o *Women’s Studies Award*, e precisamos de uma foto sua o quanto antes.”

“Obrigada”, respondi. “Isso é maravilhoso, mas acabei de dar à luz na semana passada.” “Parabéns!”, repetiu ele. “Ainda assim, precisamos da foto.”

O prêmio dizia: “Uma obra ousada e provocadora, fascinante e oportuna. A tese convincente de Adams é que mulheres e animais estão ligados como ‘referentes ausentes’ nos ‘textos’ da sociedade patriarcal e que, portanto, a teoria crítica feminista deve ser informada pelo vegetarianismo. Argumentado com paixão e sustentado por sólida erudição, o livro é a primeira grande exploração do tema — uma contribuição valiosa e empolgante para a teoria feminista, vegetariana e dos direitos dos animais.”

Uma amiga fotógrafa profissional veio à minha casa na semana seguinte para tirar minha foto de autora no pós-parto. Bruce segurava nosso filho Benjamin, de duas semanas. Enquanto eu posava para a foto, Benjamin começou a chorar. Senti meu leite descer e continuei sorrindo.

Durante a ligação, Evander também levantou a questão de mudar o título, tema que havia sido discutido na reunião editorial. Werner Linz, fundador da Continuum, sugeriu que o livro levasse o título do primeiro capítulo — e gostei da ideia. Assim nasceu *A Política Sexual da Carne*. Também era necessário um novo subtítulo, e ficou a cargo de Evander e de mim elaborá-lo. Enquanto brincávamos com a ideia de “teoria crítica feminista-vegetariana”, ele me perguntou se eu queria que fosse “Rumo a uma teoria crítica feminista-vegetariana”. Eu havia lido uma entrevista com a teóloga Rosemary Ruether, cujas palavras ainda ecoavam: “*Por que as feministas são tão hesitantes?*”, questionava ela. “*Por que tudo é rumo a alguma coisa? Por que não afirmar simplesmente que é isso o que estão fazendo?*” Então, eu afirmei.

Quando o livro prestes a ser lançado, com seu novo título, foi levado pela primeira vez aos representantes comerciais — as pessoas que viajavam pelo país mostrando às livrarias os novos títulos do catálogo das editoras —, todos concordaram que explicar do que tratava aquele livro seria um desafio. No mínimo, insistiam, a capa precisava de uma imagem, algo que indicasse o tema da obra. Sugeriu usar a imagem de uma toalha de praia que se originara em uma churrascaria de Manhattan nos anos 1960. Essa se tornou a icônica capa do livro, à qual Tejal Rao se referiu recentemente em uma resenha do *New York Times* sobre o filme *Fresh*.



**Figura v** – Foto de autora de Carol, junho de 1990; recriada em 2020 em homenagem ao 30º aniversário de *A Política Sexual da Carne*. Fotografia de 2020 © Benjamin Buchanan.

Como crítica feminista da indústria da carne, *Fresh* tem um humor sombrio. “*Não se estresse*”, diz Steve às suas vítimas enquanto as deixa em suas celas, “*isso não faz bem para a carne.*” Ele parece exatamente o tipo de homem que poderia, casualmente, mencionar o livro de Carol J. Adams, *A Política Sexual da Carne*, em uma conversa sobre por que não come animais — quando, na verdade, apenas achou que a capa, com o diagrama de açougueiro sobre o corpo de uma mulher, era incrível.<sup>7</sup>

Quase quinze anos depois de eu ter retirado meu primeiro manuscrito de uma editora, *A Política Sexual da Carne* foi publicado. As resenhas antecipadas foram positivas. A *Publishers Weekly* chamou o livro de “original e provocador”, enquanto a *Kirkus Review* o considerou “uma polêmica inteligente”, afirmando que “o argumento é tanto reflexivo quanto instigante”. Já a *Library Journal* descreveu a obra como “um trabalho importante e provocador”, acrescentando: “Provavelmente inspirará e enfiurecerá leitores em todo o espectro político.” E, de fato, inspirou e enfiureceu.

## Recepção

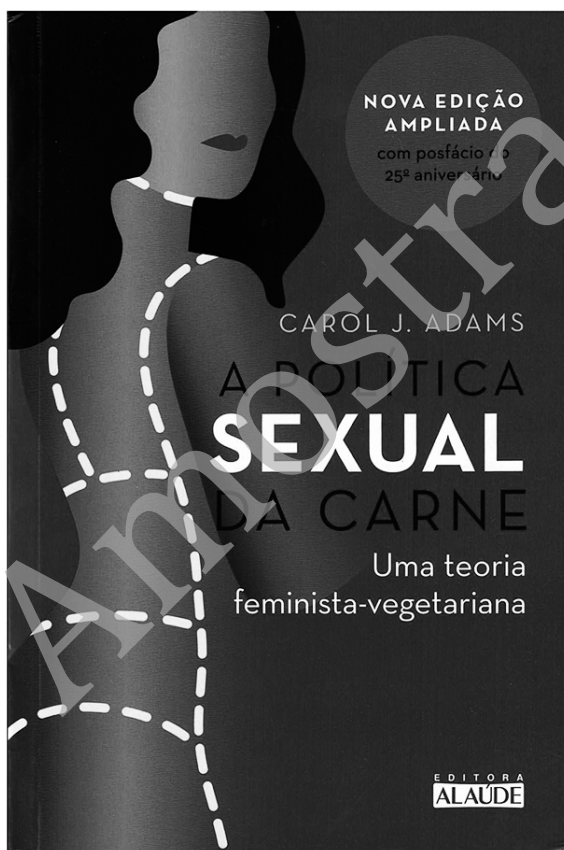
O livro estreou na reunião de janeiro de 1990 da *Modern Language Association* (MLA). No pavilhão de exposições, as editoras anunciavam seus novos lançamentos com pôsteres pendurados acima de seus estandes. Minha editora, a Continuum, e a gigante Harper & Row (atualmente HarperCollins) estavam posicionadas lado a lado em uma das entradas principais. Dominando o espaço acima do estande da Continuum havia uma grande reprodução da capa de *A Política Sexual da Carne*. Alguns anos depois, conheci uma editora que havia trabalhado no estande da Harper & Row naquele evento. Ela me contou que, em todos os anos em que expôs livros na MLA, nunca havia visto nada parecido com a empolgação daquele ano, quando os participantes da conferência entraram no salão e viram a capa do livro. Ela disse que eles praticamente invadiram o estande da Continuum. Meu editor comentou que poderia ter vendido dez vezes mais exemplares do que havia levado.

Assim como aconteceu com os participantes da MLA, a capa do livro suscitou suas próprias reações. No Reino Unido, a Polity Press rapidamente lançou uma edição, mas substituiu a imagem da capa. Aqui nos Estados Unidos, ficamos surpresos e sem entender por que a Polity não se sentia à vontade para reproduzir a capa norte-americana. A deles mostrava dois senhores brancos em meio a cinco grandes ovelhas brancas — uma imagem recortada de uma pintura maior feita por R. W. Whitford, artista do século XIX conhecido por sua vasta obra retratando animais de fazenda de pedigree.<sup>8</sup> Como explica Harriet Ritvo sobre essa produção artística, o tamanho era o que importava: “A maioria dos criadores de elite — e os juízes escolhidos entre suas fileiras — pareciam concordar que os animais mais impressionantes eram aqueles que ultrapassavam os limites naturais ou se aproximavam de ideais inatingíveis.”<sup>9</sup>

Quando o livro foi traduzido para outros idiomas, as editoras exploraram a concepção da capa de forma criativa.

Assim como a capa gerou reações diversas, o mesmo ocorreu com o título. “Título mais excêntrico do ano”, exclamou o tabloide londrino *Sunday Express*. O livro foi indicado ao Diagram Prize, prêmio

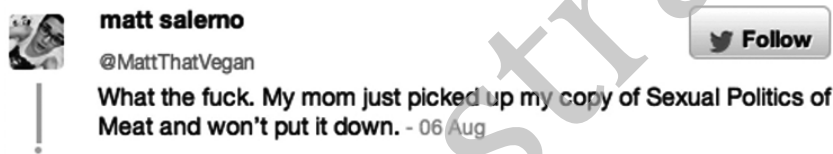
concedido anualmente ao título mais inusitado — ou “mais esquisito” — do ano. Em 2008, Joel Rickett incluiu *A Política Sexual da Carne* entre os livros mencionados em *How to Avoid Huge Ships and Other Implausibly Titled Books* [Como Evitar Navios Enormes e Outros Livros com Títulos Incrivelmente Improváveis]. Aparentemente, Rickett achou importante reproduzir também as capas em cores, e não apenas listar os títulos absurdos.<sup>10</sup> (O meu está na pág. 45.)



**Figura vi** – Capa da segunda edição da versão brasileira de *A Política Sexual da Carne*, 2018. Usada com permissão da Alaude, selo do Grupo Editorial Alta Books, Rio de Janeiro.

## “Um clássico underground”

Fiquei impressionada com as respostas imediatas e apaixonadas ao livro. Cartas de apreço chegavam à editora, que então as encaminhava para mim. Os meios de contato mudaram ao longo desses trinta e cinco anos (menos cartas enviadas pelo correio, mais e-mails, tuítes e outras postagens em redes sociais). Era empolgante ler mensagens que diziam coisas como: “houve muitas partes do seu livro que me impactaram profundamente”, “seu livro me fez sentir à vontade com minhas decisões, e a ter orgulho das minhas escolhas” ou simplesmente “seu livro mudou minha vida” — e, com frequência, “por sua causa me converti ao veganismo.”



**Figura vii** – Tuíte de @MattThatVegan. Em resposta, sugeri que comprasse um exemplar para ela; ele respondeu que, depois de superar o choque, comprou. Usado com permissão de Matt Salerno. [Tradução livre do tuíte original: “Mas que diabos. Minha mãe pegou meu exemplar de *A Política Sexual da Carne* e não quer mais largar.”]

Leitores também começaram a me enviar provas dessas conexões. Tenho um verdadeiro museu de caixas de fósforo, camisetas, molhos de pimenta, adesivos de para-choque, cardápios, anúncios, fotografias de outdoors e outros itens que registram a ligação entre a opressão das mulheres e a opressão dos animais.<sup>11</sup> Também recebi mensagens de artistas inspirados pelo livro. É uma experiência profundamente comovente e educativa descobrir como eles exploram ideias que encontraram em minha obra.<sup>12</sup>

Muitos dos meus correspondentes contaram ter esbarrado no livro por acaso. Na década de 1990, ele circulou entre ativistas pelos direitos dos animais que estavam presos por protestarem contra uma caçada

de pombos. Uma professora me contou que estava apaixonada, mas, antes de aceitar se casar, enviou a seu companheiro *A Política Sexual da Carne* e insistiu para que ele o lesse. Ele o leu, compreendeu a mensagem, declarou seu amor e seu veganismo, atravessou os Estados Unidos e eles celebraram o casamento com o mais delicioso bolo de chocolate vegano (eles me enviaram a receita). Uma leitora relatou ter visto Julia Child na livraria Harvard Coop; minha correspondente segurava nas mãos um exemplar recém-adquirido de *A Política Sexual da Carne*. Aproximou-se da célebre chef, cumprimentou-a e lhe entregou o livro, dizendo: “Espero que leia este.”

Para aqueles que acolheram a tese do livro com entusiasmo, ele se tornou uma referência para uma visão de mundo fortalecedora e para o ativismo.<sup>13</sup> Para outros, é um livro que vai longe demais. Quando a obra foi lançada, várias feministas vegetarianas tentaram apresentá-lo às amigas feministas que não eram vegetarianas. Uma delas respondeu: “Se eu ler o livro, talvez precise parar de comer carne.” Quando a professora feminista-vegetariana me contou isso, rimos juntas. Afinal, a teoria feminista não deveria provocar respostas capazes de transformar a consciência? A revista *Ms.* pareceu concordar com essa ideia. Descreveu como “*A Política Sexual da Carne examina as implicações históricas, de gênero, raça e classe da cultura da carne e estabelece as conexões entre a prática de abater/comer animais e a manutenção da dominação masculina.*” E acrescentou: “*Leia este livro poderoso e é bem provável que você adira ao vegetarianismo.*”<sup>14</sup>

Selma Miriam, cofundadora de Bloodroot — restaurante e livraria feminista-vegetariano em Bridgeport, Connecticut (com quem continuei a me corresponder depois de conhecê-la em 1976, na conferência de espiritualidade feminista) — contou-me que, quando o livro foi lançado, ativistas pelos direitos dos animais e vegetarianos compraram a edição em capa dura, mas muitas feministas preferiram esperar pela edição em brochura. Seu comentário me lembrou o entusiasmo com que eu recebia novos livros de teoria feminista no início dos anos 1970.



**SPOM**  
THE SEXUAL POLITICS OF MEAT EXHIBITION

Renee Lauzon  
Maria Lux  
lynn mowson  
Sunaura Taylor  
L.A. Watson  
Yvette Watt  
Angela Singer  
Janell O'Rourke  
Hester Jones  
Kathryn Eddy  
Suzy González  
Nava Atlas  
Patricia Denys  
Olaitan Valerie Callender-Scott

A exposição The Social Politics of Meat (SPOM) é uma mostra itinerante curada pelas artistas Kathryn Eddy, Janell O'Rourke e L.A. Watson, cofundadoras da coalizão artística ArtAnimalAffect.

A SPOM apresenta quatorze artistas mulheres contemporâneas cujas obras foram inspiradas nas teorias ecofeministas apresentadas no livro *A Política Sexual da Carne*, de Carol J. Adams. O objetivo da exposição não é simplesmente ilustrar as ideias do livro, mas destacar como as artistas internalizam a teoria e criam obras originais a partir dela; a mostra coincide com o 25º aniversário da publicação do livro.

Em *A Política Sexual da Carne*, Carol J. Adams explora as maneiras pelas quais mulheres e animais são marginalizados e objetificados em culturas patriarcais. Ao investigar como pessoas podem se tornar literal e metaforicamente “pedaços de carne”, Adams analisa o status de objeto atribuído aos animais não humanos e sua relação com a objetificação das mulheres nas culturas visual e literária.

**Figura viii** – Em 2017, foi realizada em Los Angeles uma exposição que reuniu o trabalho de cerca de uma dezena de artistas influenciados por *A Política Sexual da Carne*. A exposição The Art of the Animal reúne as obras de muitos dos artistas ali representados.

Quando apliquei o conceito de *referente ausente* ao status de animais e mulheres, explicando sua função na criação de conexões sobrepostas ou entrelaçadas, ofereci um novo vocabulário teórico, como o filósofo Matthew Calarco destaca em seu capítulo “Adams’s Absent Referent”, no livro *The Boundaries of Human Nature*. Ele explica que “[e]sse termo tem a intenção de evidenciar as estruturas e processos que privam os seres individuais (referentes) de sua subjetividade única (presença viva).”<sup>15</sup> O conceito ofereceu um caminho teórico para que estudiosos abordassem a questão do status dos animais e legitimou o desejo de fazê-lo. Pode não parecer radical agora, no século XXI, mas, na primeira década após o lançamento do livro, estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores encontraram em minha teoria uma autorização para

desenvolver seus próprios escritos desafiando crenças normativas sobre os animais. Desde então, o conceito de *referente ausente* apareceu em discussões tão diversas quanto a análise do *Livro dos Salmos* (Walker-Jones), de *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf (Dent), ou da situação de trabalhadoras de confecções que produziam moletons universitários. Meu chamado a reconhecer a legitimidade do vegetarianismo quando ele aparece na ficção inspirou debates sobre os impulsos vegetarianos de Leopold Bloom em *Ulisses* (Regan), o vegetarianismo em obras de ficção científica (Bulleid), o vegano monstruoso (Quinn) e projetos de estudos veganos (Wright).

Dessa e de outras maneiras, *A Política Sexual da Carne* tornou-se um dos livros que serviram de modelo para colocar os animais no centro da pesquisa acadêmica, ajudando a dar origem aos campos dos estudos críticos sobre animais (*critical animal studies*) e da ecocrítica.

Em poucos anos, o livro passou a ser chamado de “um clássico underground”. Meu editor, Evander, e eu ríamos disso, acreditando que significava que as pessoas apenas precisavam *conhecer* o livro — não necessariamente lê-lo. Afinal, a primeira menção a ele no *New York Times* não foi como obra literária, mas como uma faixa do CD *Friendly Fa\$cism*, do grupo de rock industrial Consolidated.<sup>16</sup> Dessa forma — apresentado por uma banda de rock, descoberto em uma biblioteca ou livraria, ou passado de familiar para familiar — o livro circulou pelo mundo. Logo após o lançamento da edição de vigésimo aniversário, ele também foi ficcionalizado em um episódio de *Law & Order: SVU* (“Beef”, abril de 2010). Lá, uma Carol Adams fictícia aparece em uma livraria de Greenwich Village, autografando exemplares. Enquanto os investigadores observam, ela exibe slides e diz: “Nossa sociedade enxerga as mulheres e os animais praticamente da mesma forma... como pedaços de carne.” Ela clica e passa para o slide seguinte. “Comer carne e o mundo patriarcal andam de mãos dadas”, afirma. “Não podemos acabar com a objetificação das mulheres enquanto continuarmos comendo nossos irmãos e irmãs de quatro patas e com asas.”

## Tagarelas e fanfarrões: de Rush Limbaugh a Jordan Peterson

Um grupo reacionário considerou absurdos os argumentos apresentados em *A Política Sexual da Carne*, mas, em vez de simplesmente ignorar o livro, utilizou-o como parte de sua tática para inflamar a ira de seus seguidores de direita contra a chamada “correção política”. Esse termo pejorativo começou a ganhar força na época da publicação do meu livro. Qualquer avanço progressista — como o uso de linguagem inclusiva — que respondesse à desigualdade era agrupado e descartado como “politicamente correto”. O apresentador de rádio Rush Limbaugh, cujo programa passou a ser transmitido em rede nacional em 1988, dedicou uma quantidade considerável de tempo, no início dos anos 1990, a atacar meu livro. Um artigo da *Entertainment Weekly* descreveu os alvos de Limbaugh em 1991: “*De segunda a sexta, do meio-dia às 15h, o apresentador conservador Rush Limbaugh senta-se em sua cabine, umedece os lábios, inclina-se em direção ao microfone e despeja para ouvintes de cada canto dos Estados Unidos uma torrente de curiosidades sobre acontecimentos atuais, comentários de direita e insultos venenosos dirigidos a ambientalistas (‘malucos’), feministas (‘feminazis’), defensores dos direitos dos animais, ativistas LGBTQIA+, movimentos pelos sem-teto e até mesmo vegetarianos.*”<sup>17</sup> Até mesmo? Limbaugh percebia o valor de apontar para um livro como o meu para atizar as chamas contra a “correção política” — ou seja: “*eles não vão parar na linguagem; vejam, agora estão vindo atrás da sua carne.*” Ele sabia que seus ditto heads (como chamava seus seguidores) podiam ser sempre provocados à fúria por dois temas: feminismo e vegetarianismo.

Alguns anos atrás, encontrei um professor de história em uma conferência na Southwestern University. Ele me contou que, durante um verão no início dos anos 1990, havia trabalhado em uma padaria de Dallas, a Bread Winners, e dirigia o caminhão de entregas. O rádio estava quebrado e só sintonizava uma estação — justamente aquela que transmitia o programa de Limbaugh. Ele comentou que sempre

se perguntara como eu lidava com o fato de ser alvo constante dos ataques de Limbaugh. Respondi que era simples: eu não o ouvia.

Seus seguidores, por outro lado, não só o ouviam, mas o ajudavam em sua cruzada. Ele pedia aos ouvintes que fossem ex-alunos de faculdades e universidades que lessem os jornais de suas instituições e lhe enviassem recortes (era pré-internet) de tudo o que cheirasse a “correção política”. A partir desses recortes, ele descobria quem havia palestrado nos campi e quais professores ensinavam ideias como as minhas. Quando gravava programas ao vivo, ele segurava recortes de jornais universitários e os lia em voz alta. Foi assim que, em 1993, reuniu informações sobre ementas de cursos da Universidade de Wisconsin, relatando: “*A ementa de um curso intensivo de três créditos no departamento de filosofia inclui as seguintes leituras obrigatórias: ‘Motherhood — the Annihilation of Women’ [Maternidade: A aniquilação das mulheres]; ‘Dyke Methods’ [Métodos lésbicos] (com o aviso: esteja preparado para discutir os métodos em aula); ‘Feminism and Vegetarianism’ [Feminismo e vegetarianismo]; ‘Eco-Feminism and the Eating of Animals’ [Ecofeminismo e a ingestão de animais]; ‘The SCUM (The Society for Cutting Up Men) Manifesto’ [O Manifesto SCUM (A Sociedade para despedaçar homens)]; e ‘A Política Social da Carne.’*”<sup>18</sup>

As táticas de Limbaugh se tornaram parte do manual da direita para enquadrar ideias liberais e o pensamento feminista. Na última década, um acadêmico canadense de extrema direita com grande presença online, Jordan Peterson, assumiu o legado de Limbaugh.

Limbaugh demonizava feministas chamando-as de “feminazis” e acusando-as de “*perpetuar um holocausto moderno: o aborto.*”<sup>19</sup> Peterson costuma se apresentar como “*um antifeminista ferrenho, determinado a pôr fim à opressão dos homens destruindo o que considera como o mito da opressão masculina (ele já se referiu a quem o critica como ‘arpias raivosas’).*”<sup>20</sup>

Limbaugh atacava universidades e faculdades em um ponto vulnerável: o apoio financeiro de ex-alunos. Sua metodologia consistia em recrutar os *ditto heads* para monitorar suas antigas instituições em busca de sinais de “correção política”. Ele instruía os ouvintes, caso fossem ex-alunos daquela universidade, a notificar a faculdade de que estavam retirando seu apoio financeiro. Por

exemplo, quando a Universidade de Redlands, na Califórnia, agendou uma palestra minha em 2013, ele incentivou seus ouvintes a ameaçar suspender doações se o evento não fosse cancelado. O segmento de seu programa se chamava “Feminists: Steak Houses are Outposts of Misogyny” [“Feministas: Churrascarias são postos avançados de misoginia”]. No ar, Limbaugh vociferou:

E essa palestra, essa palestra real na Universidade de Redlands, se chama *A Política Sexual da Carne*, e é outra ilustração de como a esquerda politiza tudo o que faz... Enfim, a mulher é uma maluca. Mas ela está palestrando para seus filhos em instituições que cobram 40 mil dólares por ano, dizendo que ir a uma churrascaria é um ataque às mulheres. Que ir a um churrasco e comer carne seja considerado um ataque às mulheres... Por que tudo precisa ser deturpado e transformado em algum tipo de agenda política maluca, absurda e insana?

O incentivo de Rush à vigilância das atividades e publicações universitárias, acompanhado de ameaças de punição financeira, foi um dos terrenos férteis para os ataques contemporâneos à educação humanista. Em 2024, os esforços para desmantelar os princípios desse modelo de formação continuam, expressos recentemente nos ataques contra reitoras de universidades da Ivy League. Como explica a repórter feminista Jill Filipovic, “há uma vertente pouco discutida, mas crescente, do pensamento de direita que identifica as mulheres como o problema das universidades de hoje.”<sup>21</sup> Enquanto isso, Jordan Peterson afirma que as universidades norte-americanas são o lar de “ideólogos que afirmam que toda verdade é subjetiva, que todas as diferenças sexuais são socialmente construídas e que o imperialismo ocidental é a única fonte de todos os problemas do Terceiro Mundo.”<sup>22</sup> Em julho de 2023, Peterson anunciou planos de lançar um site que ajudaria estudantes e pais a identificar e evitar cursos “corruptos”, com “conteúdo pós-moderno”, mas, diante da reação negativa, abandonou o projeto.

Os ideólogos de direita precisam demonstrar publicamente sua virilidade por meio de um consumo performático de carne. A repórter do *New York Times* Nellie Bowles explica que, no caso de Peterson, “[a] maioria de suas ideias nasce de uma ansiedade corrosiva em torno do gênero. ‘O espírito masculino está sob ataque.’”<sup>23</sup> Enquanto discursava contra as teorias do feminismo-vegetarianismo em 1993, Rush comeu um bife preparado com manteiga por um chef da churrascaria Ruth’s Chris. Já o consumo performático de carne de Jordan Peterson se manifesta por meio da “Dieta do Leão”, criada por sua filha Mikhaila. Peterson pai acredita que os homens representam a ordem e as mulheres o caos — e que a ordem deve dominar o caos. O repórter de medicina de *The Atlantic*, James Hamblin, enxerga uma busca por ordem na promoção de uma dieta exclusivamente carnívora. Para ele, a “Dieta do Leão” não é nem saudável, nem sustentável do ponto de vista ambiental. “O que os Peterson estão vendendo”, sugere Hamblin, “é, na verdade, uma sensação de ordem e controle.” E aí está: Peterson encena uma busca pela ordem masculina por meio de uma dieta carnívora — mais um exemplo da política sexual da carne.

Algumas semanas depois do debate na Oxford Union sobre a moção “Esta casa romperia com o consumo de carne” (nós, que defendíamos a moção, vencemos), Jordan Peterson teve algumas palavras a dizer sobre minhas ideias quando participou do podcast de Joe Rogan (episódio nº 1769). Assim como Limbaugh, Peterson achou minhas ideias ridículas. Ele — que acredita que a hierarquia patriarcal existe porque os homens podem ser mais competentes, que a monogamia forçada é uma boa ideia e que elogia mulheres que são conscienciosas e de bom trato — afirmou que eu “*dizia coisas como: todo hambúrguer é servido com um acompanhamento de misoginia. Foi o ponto da minha vida em que o argumento politicamente correto atingiu um apogeu que não pode ser superado*”. Peterson deu sequência ao comentário publicando no Twitter (agora “X”) um link para o canal da Oxford Union no YouTube, com o vídeo da minha apresentação. Ele enquadrou minhas falas sob o título “Quando a esquerda vai longe demais”. Seus seguidores correram para o canal do YouTube para registrar os previsíveis insultos misóginos típicos de qualquer mulher que se manifeste publicamente na internet.



**Figura ix** - Em novembro de 2021, testemunhei o aspecto performático da dieta totalmente carnívora de Jordan Peterson. Ele e eu fomos convidados pela Oxford Union para um jantar formal, na mesma noite em que participei de um debate promovido por essa sociedade, intitulado “Esta casa romperia com o consumo de carne”. Ambos os Peterson — pai e filha — receberam como entrada um bife malpassado; os veganos próximos a eles notaram que cada um deixou ao menos metade da porção no prato. Soube que cada Peterson especificou exatamente a quantidade de carne de vaca morta que queria e o modo exato como desejava que fosse preparada. No entanto, após o prato principal, Peterson havia pedido comida demais. (A posição da faca e do garfo indica que ele terminou aquela refeição.) Desenho de Benjamin Buchanan. Usado com permissão.

Futuros sociólogos poderão estudar essas reações como mais uma prova dos meus argumentos. Eis uma amostra dos e-mails que recebi:

**Mensagem:** Vá se foder, Carol, sua vadia velha, feia, retardada, decrepita, econazista! Vocês econazistas são parasitas inúteis! Não é da conta da sua bunda de vadia feminista de soja o que eu como!

**Mensagem:** Que porra é essa de “política sexual da carne”, Carol? Quer dizer que você, sua velha vadia geriátrica gosta de transar com carne moída? Você, Carol, é uma velha horrível, repulsiva, retardada, inútil, uma vadia de merda!

**Mensagem:** É só olhar pra você — sem carisma, aparência nojenta, velha seca e acabada. É por isso que você nos empurra essa porcaria, porque não tem mais nada a seu favor, então só sabe espalhar ódio. Faria um favor ao planeta se se matasse.

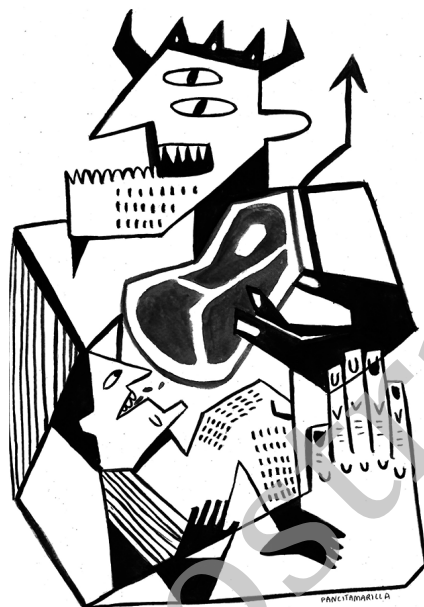
Essas mensagens demonstram não apenas a persistência da influência dos Tagarelas, mas também as dinâmicas mutantes da misoginia online no século XXI. Limbaugh achava que o que eu precisava era comer um bom bife; os seguidores de Jordan Peterson têm certeza de que o que me falta é outra coisa.

## Masculinidade ressentida

Em 2020, a BBC perguntou por que mais mulheres do que homens são veganas; para a emissora, isso era um “mistério”. Em 2024, a *Salon* explorou a mesma questão. Queriam saber por que o veganismo “não é considerado masculino”.<sup>24</sup> Hmmm... o que poderia explicar isso?

Uma das tendências culturais mais notáveis em torno da política sexual da carne nos últimos trinta e cinco anos é a crescente ansiedade que o tema desperta. Podemos revisitar alguns momentos-chave ao longo dos anos, por exemplo, o início da presidência de Bush, quando as churrascarias voltaram à moda em Washington após a suposta presidência “compartilhada” dos Clinton e o conhecido apreço do presidente Clinton pelo *Boca Burger*.<sup>25</sup> George Bush, por sua vez, cultivou a imagem de “fazendeiro/caubói” como parte de sua persona masculina de “decisor”. Ou o período logo após os ataques de 11 de setembro, quando uma masculinidade ao estilo John Wayne voltou a ser celebrada à medida que revistas e jornais exaltavam a hipervirilidade de socorristas e políticos, incluindo o conteúdo de suas refeições. Ficamos sabendo, por exemplo, que, após a queda das

Torres Gêmeas, a primeira refeição devorada pelo prefeito Giuliani foi um sanduíche feito de “carnes que suam”.<sup>26</sup>



**Figura x** – “El patriarcado que alimenta II” [O patriarcado que alimenta II]. De uma exposição de arte de 2022 baseada nas ideias centrais de *A Política Sexual da Carne* (capítulo 1). Usada com permissão da artista Mercedes Tuda.

Outros momentos também cristalizam essa associação, mas talvez o mais ilustrativo dessa tendência seja a campanha publicitária de 2006 do jipe Hummer, com o slogan “*restore your manhood*” [recupere sua masculinidade]. Ela evidencia simultaneamente a ansiedade em relação aos homens e ao consumo de carne, assim como a ameaça de abjeção dos homens veganos. Um homem aparece comprando tofu em um supermercado. Ao lado dele, outro homem compra “carne que sua” — montes dela. O homem que compra tofu, atento e ansioso quanto à própria virilidade diante do homem atrás dele na fila com toda aquela carne suada, sai apressado do mercado e vai direto a uma concessionária da Hummer. Compra um novo Hummer e é mostrado

dirigindo feliz, mastigando uma cenoura. Após críticas ao slogan, ele foi alterado para “*restore your balance*” [recupere seu equilíbrio].



**Figura xi** – A autora flagrada documentando *A Política Sexual da Carne* na cultura popular — uma rede de saladas tentando aliviar a suposta ansiedade masculina em relação a comer alimentos associados às mulheres. A placa anuncia: “Nossas saladas são tão boas que até os homens as comem.” Fotografia © Benjamin Buchanan. Usada com permissão.

No fim, é tudo brincadeira, não é? Mas a ideia central — de que ao comprar tofu o homem abdica de sua masculinidade — revela uma ansiedade que vem vibrando, pelo menos desde os anos 1970, com o crescimento do movimento feminista e a derrota na Guerra do Vietnã: a masculinidade estaria sob ameaça, e parte do esforço de restauração exigiria comer carne. Artigos acadêmicos que investigam o fenômeno da política sexual da carne observam essa ansiedade em títulos como “Is Meat Male? A Quantitative Multimethod Framework to Establish Metaphoric Relationships” [A carne é masculina? Um modelo multimétodo quantitativo para estabelecer relações metafóricas] e “Real Men Don’t Eat (Vegetable) Quiche: Masculinity and the Justification of Meat Consumption” [Homens de verdade não comem quiche (de legumes): Masculinidade e a

justificação do consumo de carne]. O próprio anúncio do Hummer foi analisado em “Beasts, Burgers, and Hummers: Meat and the Crisis of Masculinity in Contemporary Television Advertisements” [Feras, hambúrgueres e Hummers: A carne e a crise da masculinidade nas propagandas televisivas contemporâneas].<sup>27</sup>

Em 2022, Sandrine Rousseau, deputada do Partido Verde no Parlamento francês, propôs que os homens deixassem de comer animais mortos, explicando: “*Precisamos mudar nossa mentalidade para que comer um entrecôte grelhado deixe de ser um símbolo de virilidade.*” Ela acrescentou: “*Se quisermos resolver a crise climática, precisamos reduzir o consumo de carne, e isso não vai acontecer enquanto a masculinidade continuar sendo construída em torno da carne.*” Em resposta, Fabien Roussel, secretário-geral do Partido Comunista, perguntou: “*O que vamos comer então? Tofu e soja? Faça-me o favor!*” Roger Cohen, repórter do *New York Times* que cobriu o episódio em “*Of Barbecues and Men: A Summer Storm Brews Over Virility in France*” [De churrascos e homens: uma tempestade de verão sobre a virilidade na França], escreveu que Rousseau não apresentou “*nenhuma prova conclusiva da virilidade envolvida — ou simbolizada — em acender carvão, dispor salsichas e pedaços de carne vermelha sobre a grelha e ficar ali, de peito nu, entre nuvens de fumaça, para cozinhá-las.*”<sup>28</sup> Dica: de peito nu! Convocando a masculinidade a exibir-se. Isso sim é um churrasco!

À medida que a masculinidade — uma construção de um falso sistema de binarismos de gênero — sofre contínuas desestabilizações, ela passa a se sentir ameaçada. A presença de alimentos de origem animal em uma refeição funciona como um meio de conter ainda mais instabilidade. É por isso que, em 1993, podia-se encontrar sanduíche de carne curada em pão de centeio e bolo de carne na loja masculina da loja Bergdorf Goodman, mas não na loja feminina. Em 2023, Manver Singh, descreveu na revista *The New Yorker* uma nova dieta carnívora da moda, chamando-a de “A Nova Carnívoría”. Qual é o tema em comum? A masculinidade ansiosa: “*Ao examinar materiais sobre carnívoría, a esmagadora impressão é que os homens estão em perigo. Eles antes eram fortes.*” Ficamos sabendo que “*como a carne está ligada à masculinidade, a carnívoría promete uma forma de inflar um direito de nascença enfraquecido.*”<sup>29</sup>

## Masculinidade *branca* ressentida

Se, após o 11 de Setembro, o foco nos homens como heróis passou a fazer parte da tentativa de restaurar uma masculinidade ferida nos Estados Unidos, a eleição de Barack Obama como presidente, em 2008, revelou quão *branca* era essa masculinidade ferida. Em resposta, supremacistas brancos transformaram o consumo de carne, ovos e leite de mamíferos em arma ideológica. Bebiam leite de vaca “para preservar a raça branca”; exibiam bandejas abarrotadas de carne e lançavam o termo “*soy boys*” (garotos da soja) para tentar ofender qualquer progressista que encontrassem — vegano ou não.

No final do primeiro mandato de Obama, a mídia popular ajudou a reforçar a associação entre o consumo de carne e a masculinidade. A revista *Esquire* publicou o livro de receitas *Eat Like a Man* (2011) [Coma como um homem]; a revista *Family Handyman* intitulou um artigo sobre a construção de uma churrasqueira “Men. Meat. Fire! (And Beer)” [“Homens. Carne. Fogo! (E cerveja)”], de maio de 2011; e a *AARP Magazine* (janeiro–fevereiro de 2011) noticiou: “*The Steaks Were High: A big ol’ rib eye bridges the gap between a father and son*” [As carnes estavam no ponto: Um belo bife aproxima pai e filho]. Na edição de maio de 2013 da *Vanity Fair*, A. A. Gill publicou as seguintes afirmações batidas sobre o significado do bife: “Bem, é viril. Se os alimentos viessem com designações de gênero, o bife certamente estaria no topo da coluna dos machos.” Ele continua: “Um bife tem a aparência, a textura e o sabor da vitória — uma conexão direta com nossos ancestrais bípedes. A recompensa original dos vencedores.” (Na verdade, nossos primeiros ancestrais bípedes provavelmente eram necrófagos — comiam insetos e restos de animais mortos deixados por carnívoros.) A princípio, ao ler Gill, pensei que se tratasse de uma piada — alguém zombando das ideias que mitificam o consumo de carne e a masculinidade. Mas logo percebi que ele acreditava mesmo nisso: “O bife se tornou a comunhão gastronômica dos machões, e, sintomaticamente, não apenas para os empresários de olhar frio e terno Armani, mais magros que todo mundo, mas também para os metrossexuais que desejam reforçar seu testosterona cultural.”

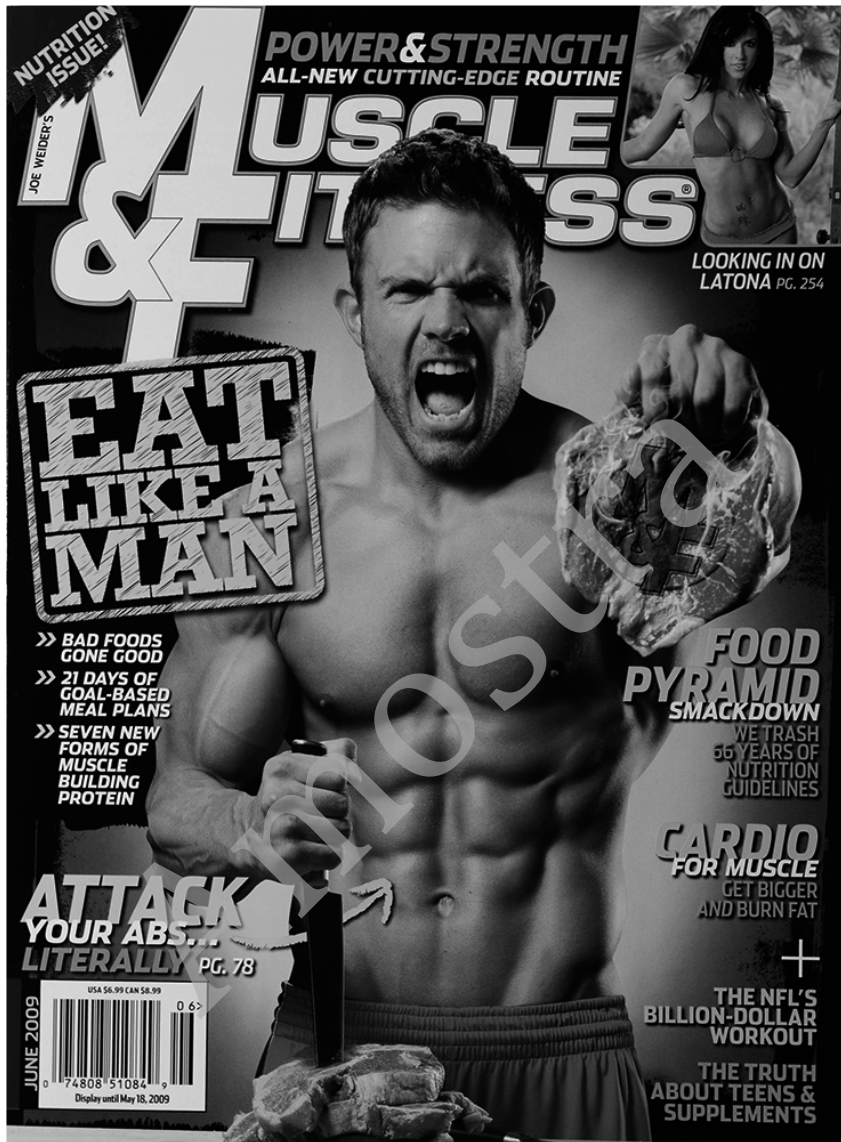


Figura xii – Edição de junho de 2009 da revista *Muscle and Fitness*.

Compare esse texto com um artigo bem-humorado sobre a inauguração da “nova e elegante loja masculina” da Bergdorf Goodman, em Manhattan, publicado poucos meses após o

lançamento de *A Política Sexual da Carne*: “Uísque escocês e carne são servidos em um novo santuário das calças.” O artigo relatava que, “em sintonia com o espírito masculino da noite, os hors d’oeuvres eram carnívoros — rosbife sobre torradas, pedaços de frango em massa folhada. Nada daqueles enfeites de aspargos e pepinos por aqui.”<sup>30</sup> Esse texto, piscando o olho ao leitor, participava da ideia do que o “espírito masculino” exigia, e, ao mesmo tempo, mantinha certa distância crítica dela. Já os exemplos mais recentes, do período da presidência de Obama, não piscam — são literais.

Em 2016, Donald Trump concorreu à presidência dos Estados Unidos; sua campanha foi, nas palavras da repórter Jill Filipovic, de “masculinidade ressentida”. Trump venceu a eleição presidencial nos Estados Unidos com o maior hiato entre o voto masculino e feminino desde que começaram a ser feitas pesquisas de boca de urna. Como noticiou o *Washington Post*, “os homens, especialmente os brancos, penderam fortemente para a direita.” Filipovic descreve como Trump apelou “aos homens que sentem que seu lugar legítimo na sociedade lhes foi tirado por uma onda de imigrantes que roubam seus empregos, por mulheres que não precisam mais de maridos para sustentá-las e por membros de grupos minoritários que não trabalham tanto, mas ainda assim recebem tratamento especial.”<sup>31</sup>

*The Manthem*, um famoso comercial do Burger King de 2006 contra “alimentos de mulherzinha” (como quiche de aspargos), mostrava homens de várias raças e classes unindo-se para protestar em defesa de seu direito de comer carne. O anúncio culminava com o arremesso de um SUV (o simbólico “carro de mãe suburbana”) de um viaduto. Se ao menos tivéssemos reconhecido esse exemplo de masculinidade ressentida pelo que era: um prenúncio do bloco eleitoral de Donald Trump. Em 2016, os homens brancos penderam para a direita, e queriam deixar claro que comiam carne e bebiam leite de mamíferos.<sup>32</sup>

## Abjeção

Um artigo acadêmico de 2023, publicado na revista *Sex Roles*, examinou as percepções de que vegetarianos seriam fracos e pouco masculinos, enquanto consumidores de carne seriam mais viris.

Homens que participaram do estudo relataram já ter ouvido o ditado: “vegano hoje, gay amanhã.”<sup>33</sup> Se não gay, então “fracote”. Em “The Wink”, episódio de *Seinfeld* exibido pela primeira vez em 1995, Jerry tenta esconder de sua namorada que não está comendo carne, pois não quer que ela o veja como um “fraco”.



**Figura xiii** – “Plato” [Prato]. O texto diz: “Homens que não comem carne repudiam um de seus privilégios masculinos.” De uma exposição de arte de 2022 baseada nas ideias centrais de A Política Sexual da Carne (capítulo 1). Usada com permissão da artista Mercedes Tuda.

Devido ao domínio que a política sexual da carne exerce sobre a cultura, um homem que se torna vegano ou vegetariano desafia suposições básicas sobre masculinidade e feminilidade. À medida que o binarismo de gênero — e os alimentos a ele associados — se fragmenta em multiplicidades, no mundo binário da política sexual da carne não há fluidez de gênero, nem exceções ao que os “verdadeiros” homens comem. Espera-se que os homens continuem participando da construção da masculinidade comendo animais, renovando seu “cartão de homem” a cada refeição. A abjeção dirigida aos homens que se identificam como veganos ou vegetarianos — zombarias, apelidos depreciativos e o tratamento que os faz parecer fracos (como o medo

masculino representado no seriado *Seinfeld*) — constitui uma tentativa de proteger uma identidade insegura. A hostilidade ao veganismo, por ameaçar o binarismo de gênero, ajuda a explicar uma tendência recente na qual restaurantes veganos são alvo de ataques coordenados por *trolls* para prejudicar seus negócios. Um dono de restaurante vegano explicou ao *The Guardian* por que eles se tornaram alvos: *trolls* das guerras culturais que os enxergam como uma “ameaça ao seu modo de vida, da mesma forma que veem os direitos trans e o movimento Black Lives Matter”.<sup>34</sup>

A reafirmação agressiva do consumo de carne como algo inerente à identidade masculina é permeada de ansiedade. Mesmo sem intenção, homens vegetarianos e veganos expõem o quanto as ideias de “masculinidade” são instáveis. Como ousam recusar seus privilégios? A energia dedicada a sustentar a política sexual da carne reflete uma tentativa reacionária de recuperar algo que já foi perdido. Esforçar-se tanto para defender algo supostamente essencial apenas confirma que não é essencial em absoluto. Do contrário, por que tanto alarde? O que é essencial não precisa de defesa. E esses homens ressentidos sabem disso.

## Proteína feminizada e gravidez compulsória

Não sabemos como outros animais vivenciam o gênero, mas podemos identificar como os seres humanos projetam suas suposições e crenças sobre gênero em outros animais. O gênero é, afinal, uma fixação humana; o mundo animal não se encaixa no binarismo de gênero — mas a pecuária precisa desse binarismo, depende dele e o reforça. A condição de fêmea torna-se ao mesmo tempo uma identidade imposta e uma forma de opressão exercida sobre certos animais pela pecuária. Durante toda a vida, os animais explorados pela pecuária têm suas existências interpretadas por humanos que sustentam crenças profundamente misóginas, vivem em espaços patriarcais e estão comprometidos com a ideia do binarismo de gênero. Em sua pesquisa, Kathryn Gillespie encontrou uma constante “comoditização sexualmente violenta do corpo feminino.”<sup>35</sup> Essa comoditização misógina pode ser observada em toda a indústria pecuária — em revistas, anúncios, práticas, linguagem e representações.<sup>36</sup>



**Figura xiv** – Parte de um mural que decora a fachada do restaurante cajun Razooos há vinte anos, Dallas, Texas. Fotografia © Carol J. Adams.

Para os militantes antiaborto, as mulheres — e todas as pessoas que podem engravidar — são referentes ausentes. Ao discutir esse conceito, o filósofo Matthew Calarco observa que *“também implica, inversamente, que alguns seres têm o privilégio de manter sua ‘presença’, sua individualidade e integridade. Nas sociedades patriarcais e carnívoras, o exemplo por excelência de tal sujeito é o homem humano”*.<sup>37</sup> A criminalização do aborto mostra como aqueles posicionados como exemplos máximos de subjetividade alcançam esse status ao sacrificar a condição de sujeito das mulheres e de outros indivíduos não dominantes que podem engravidar e são forçados à gravidez compulsória.<sup>38</sup> Basta considerar o número de vítimas de estupro que foram obrigadas a dar à luz nos catorze estados dos EUA que aprovaram proibições totais ao aborto. Em resposta à notícia de que, desde 2022, estima-se que 65 mil mulheres tenham engravidado após serem estupradas, Jill Filipovic escreveu: “A mentalidade misógina que gera o estupro — a ideia de que a mulher não tem autonomia sobre seu próprio corpo, de que outra pessoa pode usá-lo para seus